

CTRL+ART+DEL: PRESSUPOSTOS REFLEXIVOS PARA PEQUENOS DISTÚRBIOS EM ARTE E TECNOLOGIA

Fábio Oliveira Nunes (UFRN)

Resumo

Este artigo apresenta reflexões em torno do contexto tecnológico atual, pertinentes na produção do site de web arte *Freakpedia*, de Fabio FON e Edgar Franco, além dos trabalhos *Roaming* e *Grampo*, de Fabio FON e Soraya Braz. Nestes trabalhos há uma postura questionadora no âmbito tecnológico e social, tanto no contexto específico das enciclopédias virtuais quanto no universo dos telefones celulares.

Palavras-chave: arte e tecnologia, artemídia, arte crítica, poéticas visuais.

Abstract

This article presents reflections about the current technological context, relevant in the production of Freakpedia webart site, by Fabio FON and Edgar Franco, beyond the artworks Roaming and Grampo by Fabio FON and Soraya Braz. These artworks have a questioning attitude in relation to technological and social spheres, respectively in the specific context of virtual encyclopedias and the mobile phones universe.

Keywords: art and technology, media art, critical art, visual art.

Especialmente aos usuários de computadores pessoais, a combinação dos botões CTRL+ALT+DEL é algo muitíssimo familiar. Trata-se de uma ação rotineira quando um programa precisa ser abruptamente reiniciado da maneira menos ortodoxa: depois de algum erro grave que impeça a continuidade de suas atividades. É a escolha derradeira e muitas vezes arriscada – em que dados poderão ser perdidos ou avariados. Feita a escolha, o sistema carregará todas as suas diretrizes novamente e esperamos que, desta vez, enfim, a ordem seja restabelecida. Uma ação de reinicializar, de reavaliação de suas próprias diretrizes.

1. Tecnocracia

Dentro da histórica e recorrente ligação entre arte e vida, nos é permitido fazer uma proposição de leitura de uma contemporaneidade tecnológica e de reflexões advindas deste contexto. Se assim como na informática, o momento presente pudesse ter também uma combinação capaz de fazer reinicializar nosso olhar sobre a conjectura atual, uma proposição seria composta de outros

três elementos: o contexto, a arte e a tecnologia. Mas, o que necessariamente precisaria ser reavaliado? A intenção parece despropositada especialmente se partirmos de um discurso tecnocrata. Se acreditarmos realmente que o rumo desta sociedade tecnológica é o adequado, essa reflexão não fará qualquer sentido. Assim, esta é uma reflexão que não nega preocupações diante das circunstâncias atuais e o questionamento de que o cenário presente se altere espontaneamente. Há a constatação de situações em que algumas premissas básicas de direitos individuais e coletivos podem ser ameaçadas ou sujeitas a práticas tendenciosas, mercantilistas, impositivas ou intrusivas. Essas práticas são perceptíveis em todas as dimensões, em termos concretos: na existência de tecnologias de controle através de satélites capazes de localizar com exatidão qualquer elemento do globo; na proliferação de câmeras de vigilância em espaços públicos, como parques, escolas, estabelecimentos comerciais ou até mesmo nas ruas; na ameaça permanente de restrições de conteúdos na rede Internet; no desvendamento genético incentivado pela ganância de grupos econômicos¹.

Evidentemente, esse sentimento não pode se estender para uma postura paranóica, mesmo porque essas práticas atuam em um permanente *mise-en-scène*, onde cada ato é justificado coerentemente dentro daquilo que é politicamente correto e, muitas vezes, estendido como benefício para aquele que é oprimido – como quando temos câmeras de vigilância “para a sua própria segurança”. Nestas práticas, não há uma imposição assumida, mas uma estratégia de permanente sugestão, pois no palco destas ações ainda se presume a liberdade e o poder do indivíduo.

O domínio destas práticas é exercido por um sistema de forças de grande extensão com ramificações em todas as áreas da vida. Não se trata de um sistema institucionalizado ou da economia de mercado – o capitalismo – simplesmente. Muito menos de alguma ameaça corporificada e concreta como nos enredos *cyberpunks*. O que teríamos seria um conjunto de forças que está distribuído, estrategicamente oculto e atuante em cada aspecto do cotidiano². Corporações leoninas não são mais do que decorrências do seu domínio. Não

temos a opção de não fazer parte dele, mas podemos – enquanto artistas – trazê-lo à tona. Muito mais importante do que atuar contra esta ou aquela empresa pontualmente – como muitos ativistas realizarão atos em lanchonetes de fast-food ou contra companhias de comunicação – é tentar criar uma sensibilidade para lidar com essa condição presente, atuando criticamente no cotidiano.

Nestas circunstâncias, não podemos nos iludir com a premissa de que a tecnologia é sempre benéfica a todas as pessoas: muito pelo contrário, a tecnologia está majoritariamente na mão daqueles que detêm o poder e isso implica em intenções³. Ao contrário dos especialistas ou entusiastas em geral, os artistas devem sempre manter uma observação criteriosa ao lidar com meios que estão impregnados de implicações sociais⁴. A atitude de deslumbramento pode se tornar um vício. A tecnologia como é recebida no nosso cotidiano está inserida em um contexto ideológico da hegemonia: progresso, avanço, inovação ou estar *up to date* são alguns dos conceitos empregados para se fazer consumir ou crer que a mais alta tecnologia é sempre a opção mais indicada.

Com a tecnologia, temos a instauração de novas práticas sociais – em que as relações não estão restritas às pessoas, pois com o surgimento de sistemas cada vez mais complexos, nascem discursos maquínicos de maior “inteligência” e inserção no âmbito relacional. Os robôs sociais (operando em ambientes de relações) são sintomáticos desta condição, bem como os autômatos de linha de produção ou operadores de *telemarketing* em uma via invertida com seus discursos pré-determinados, em que o humano toma uma consciência sistematizada à maneira das máquinas. Essa hegemonia é assumidamente *cyborg* ao passo que pretende tornar simétricos, os comportamentos da máquina e do humano⁵.

Grande parte dos comportamentos maquínicos nasce de uma visão sistêmica, que é fundamental para a organicidade do conceito de emergência⁶ e de sistemas complexos. Ambos serão elementares na estrutura da chamada

inteligência artificial, que por sua vez, suscita sistemas de monitoramento cada vez mais eficazes, com grande poder de interpretação do mundo. O surgimento de uma consciência artificial – cada vez mais próxima às capacidades humanas – é um dos pontos de partida mais recorrentes na ficção científica, em especial no *Cyberpunk*. Este movimento – predominantemente literário – anteviu o crescimento das redes de computadores, a fusão homem-máquina, o poder incomensurável de grandes corporações internacionais e se posicionou de maneira pessimista diante da possibilidade da falência de instituições como a ética, a liberdade, a compaixão, a igualdade e outros preceitos da humanidade.

O cenário distópico do *Cyberpunk* parece dar forma ao pensar na atual tecnologia a partir de fatos concretos como a substituição da mão-de-obra humana por equivalentes eletrônicos, a presença multiplicada das câmeras de vigilância em espaços públicos, a utilização crescente de dispositivos de monitoramento e identificação como códigos de barra e etiquetas RFID, a visão onipresente dos satélites, a utilização da biotecnologia com finalidades gananciosas, para citar algumas circunstâncias.

2. Experimentações artísticas

A proposição inicial das reflexões até aqui desenvolvidas é que caberá aos artistas dos novos meios intervirem especialmente neste modelo hegemônico, desconstruindo o discurso homogêneo e criando desvios estratégicos⁷. Uma interferência que se propõe em ir além de devaneios estéticos – o deslumbramento da imagem digital e suas potencialidades – para a imersão em sua inserção social – nas relações entre indivíduos e/ou máquinas. A tecnologia então é pensada no interior de um contexto social, gerando ou intermediando relações. Esse percurso será possível a partir das proposições da Estética Relacional⁸, concebida como uma teoria capaz de julgar as obras de arte em função das relações humanas que são figuradas, produzidas ou suscitadas. Essa estética não aborda diretamente a produção em novos meios, mas conduz-nos a pensar especialmente no contexto da produção artística (o

centro de exposições, a cidade, o país ou relações mundiais). Ou seja, embora não possam simplesmente ser julgados com base apenas em seu contexto, mas sim esteticamente e com base em referenciais artísticos, ao mesmo tempo, estes trabalhos não devem ser desvinculados das circunstâncias de relações em que foram concebidos. Assim, voltando-se aos novos meios, podemos pensar em uma produção em que seu papel não é diretamente atacar seus opositores, mas direcionar-se ao indivíduo deste contexto e fazê-lo desvelar propósitos ocultos, pensar em outros modelos sociais com base em seu cotidiano cada vez mais tecnológico.

2.1 *Freakpedia*



Figura 1 - *Freakpedia* de Fabio FON e Edgar Franco.

É neste cenário que surge a *Freakpedia* (2007), de Fabio FON e Edgar Franco, uma enciclopédia digital desenvolvida com estrutura *wiki* a qual permite uma produção colaborativa em seus verbetes, assim como acontece em outras enciclopédias da Internet. O site está disponível em: <http://www.freakpedia.org>. A principal diferença da *Freakpedia* em relação às demais é sua pretensão insignificante: são aceitas especialmente contribuições de verbetes caracterizados por assuntos de pouca ou nenhuma relevância. Ou seja, tudo

que não tiver importância nenhuma caberá no interior desta enciclopédia. A *Freakpedia* deturpa o modelo de relevância defendido pela conhecida Wikipédia⁹: para os wikipedistas, somente aquilo que for “relevante” deve ser digno de estar presente ali. Este trabalho nasce como reação a diversas exclusões (ou tentativas) realizadas sob a égide da falta de importância: neste sentido, verbetes sobre personalidades como Kurt Schwitters – artista dadaísta histórico – ou o grupo *Viajou sem Passaporte* – coletivo paulista de performance dos anos 70 – além de diversos artistas e poetas contemporâneos, foram não só excluídos (ou ameaçados) como também ridicularizados e subestimados sem qualquer conhecimento do universo em questão. Com esta filosofia de segregação, desconsiderando a possibilidade de ir além do paradigma enciclopédico tradicional, os editores reforçam o ideário da mídia de massa e da hegemonia – excluindo tudo aquilo que estiver distante do repertório médio de wikipedistas, como produções alternativas e para reduzidos públicos. Essa concepção acaba sendo um paradoxo em torno daquela que se auto-intitula “enciclopédia livre” – quando na verdade, apenas faz uso do chamado software livre, não possuindo restrições de direitos autorais¹⁰.

2.2 *Roaming* e *Grampo*



Figura 2 - *Roaming* de Fabio FON e Soraya Braz

Também desenvolvidos do interior destas discussões, estão os trabalhos *Roaming* (2007) e *Grampo* (2007), de Fabio FON e Soraya Braz, que fazem uso de pequenos chips presentes no interior de penduricalhos para aparelhos celulares. Os penduricalhos em questão são pequenos bonecos de plástico transparente – que possuem luzes coloridas que acendem quando um celular em proximidade realiza ou recebe ligações ou mensagens de texto. Na verdade, esses dispositivos são sensores captam a radiação eletromagnética do ambiente e a explicitam – ainda que tenham um caráter decorativo, torna-se possível a apropriação deste artefato para discutir a própria tecnologia móvel – em especial, o corpo invisível da radiação que se faz presente no uso dos telefones celulares.

O primeiro dos trabalhos fazendo uso dos chips foi *Roaming*, apresentado primeiramente na mostra expositiva do *Mobilefest 2007 – Festival de arte e criatividade móvel*, realizado na galeria do SESC Avenida Paulista, em São Paulo. *Roaming* é um painel de 1m² constituído de duas lâminas sobrepostas, uma de alumínio (onde há dezenas de sensores fixados) e outra de vidro (que apresenta a palavra-título do trabalho em adesivo). Envidraçado e preso a uma parede, o trabalho reflete a imagem daqueles que observam e/ou participam do trabalho ao mesmo tempo em que as luzes indicam a possível presença da radiação. Curiosamente, nesta primeira exibição, há ali também um diálogo na sua própria localização, já que foi disposto especialmente em uma área da capital paulista em que há a discussão da poluição eletromagnética devido à concentração de antenas de emissoras de rádio e televisão no decorrer da mais conhecida avenida da cidade. *Roaming* foi também apresentado em 2008 no FILE -Festival de Linguagem Eletrônica, em São Paulo e no FILE RIO, no ano seguinte.

Depois de *Roaming*, foi desenvolvido o trabalho *Grampo*, que também possui dezenas de sensores presos em uma lâmina de alumínio. *Grampo*, porém se diferencia da primeira incursão por um aprofundamento em particularidades sociais da tecnologia móvel: a discussão social desta tecnologia, onde muitos

falantes não são capazes de diferenciar espaços públicos e privados sendo tão intrusos quanto a própria radiação eletromagnética que emana de seus aparelhos.

O trabalho se compõe, além dos sensores, de uma placa controladora *Arduino*, saídas de som e um MP3 Player que possui um banco de conversas capturadas em espaços públicos de São Paulo. Essas conversas foram gravadas sem o consentimento dos transeuntes intrusivos. Daí a origem do título do trabalho. Então, no espaço da exposição, quando algum telefone celular está presente emitindo radiação – seja em ligação ou enviando mensagens – o trabalho não só emite inúmeras seqüências luminosas dos dispositivos como também executa o áudio das conversas perturbadoras, como ruídos pouco reconhecíveis.

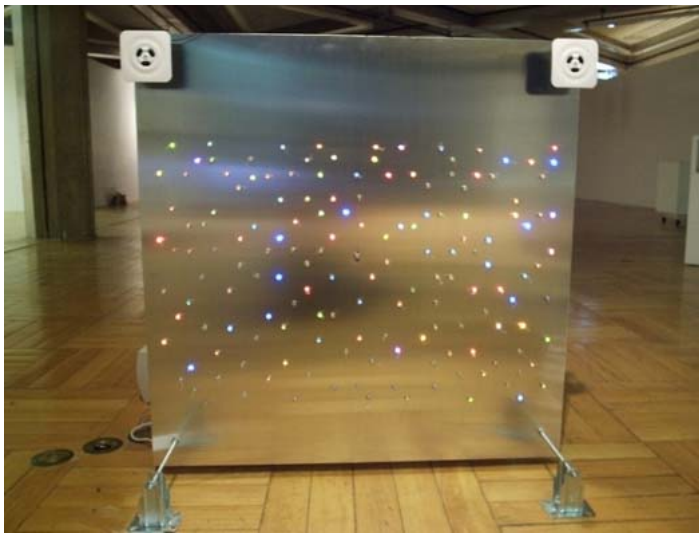


Figura 3 - Grampo de Fabio FON e Soraya Braz.



Figura 4 - Grampo de Fabio FON e Soraya Braz.

Assim, há a preocupação de dispor um discurso crítico, tanto na esfera da tecnologia quanto das relações sociais. Neste mesmo sentido, atualmente, está sendo desenvolvido o projeto *Captas* – em que a mesma lógica de inversão ruidosa será aplicada em espaços públicos através de uma roupa sensível às emissões dos aparelhos.

Grampo contou com a colaboração da dupla de artistas Sergio Bonilha e Luciana Ohira na programação da placa *Arduino*, que gerencia o sistema. O trabalho foi inicialmente apresentado na exposição *27 Formas*, realizada em 2007 no Paço das Artes em São Paulo, sob a organização de Sílvia Laurentiz e do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Mais tarde, apresentou-se também no evento *Campus Party Brasil 2008*, dentro da mostra *Campus Futuro/Mobilefest*, juntamente com o trabalho *Roaming*.

3. Considerações finais

Diversos artistas dos novos meios atuarão neste sentido questionador do contexto social em diferentes graus e estratégias. Alguns se posicionarão no universo das relações humanas, implacáveis com o monitoramento ou instaurando modelos sociais alternativos através dos novos meios. Em todos,

porém, existe a ressonância de posturas notadamente conceituais – em que a idéia é o âmago.

Estando a idéia no centro das questões, vamos retroagir um pouco: Marcel Duchamp, dadaísta e pai dos conceitualismos, já traz no *Ready-made*, as implicações do contexto em sua apreensão. A cada ato de descontextualizar, está implicado o contexto que deixa de ter o objeto e aquele que o recebe. No conceitualismo, há um jogo entre a condição do leitor na poética, o contexto e as estratégias de desmaterialização do objeto, a fim de fazer restar prioritariamente idéias. Essa incitação mental é a estratégia fundamental para questionar conteúdos sociais e políticos, podendo ainda, fazer uso do próprio contexto artístico para metaforizar outros valores. Um dos exemplos é a arte postal – que ao questionar a relação receptor/emissor e instaurando a colaboração, acaba também atuando contra um pensamento hierárquico, tipicamente disciplinar. Há também o Situacionismo, fundamental referência na discussão social. Na intersecção entre os novos meios e o conceitual, vale lembrar da produção do artista Fred Forest que desde seus tempos de arte sociológica, nos anos 70 do século XX, atua em um espaço mútuo entre a investigação da linguagem e o apontamento do contexto social. Muitas vezes, parte para a explicitação do “espetáculo da vida”, ressonância inevitavelmente situacionista.

É importante dizer que o espaço de trabalho de artistas dos novos meios que busquem esse tipo de sensibilização não acontecerá sob o discurso empoeirado e desatualizado de classes sociais ou da ação contra o imperialismo ou ressuscitando os dinossauros de esquerda. Essas posturas se tornam tão ultrapassadas quanto a própria presunção de um poder constituído em forma concreta e convencional. Essa produção artística atua sem grandiloquência, quase apolítica em grande parte das vezes. As utopias libertárias dão lugar a tentativas microscópicas de mudanças, restritas ou pontuais. Não é a intenção de mudar o mundo, mas de criar um mundo de pequenos distúrbios. Assim, a proposta deste CTRL+ART+DEL seria a reflexão (sob a forma de um *ready-made* retificado) que não propõe estabelecer uma

nova ordem social, mas sim almeja explicitar a ordem então colocada e fazer-nos questionar o porquê das coisas assim funcionarem.

¹ Entre outras coisas, o que se observa é um espaço pós-panóptico, em que uma filosofia de controle atua nas mais variadas dimensões – do macro ao micro. A idéia de um espaço panóptico é idealizada por Jeremy Bentham no fim do século XVIII, sendo um modelo de prisão cuja arquitetura permitiria que os guardas vigiassem os detentos sem ser vistos. Mais adiante, essa designação cabe a qualquer estrutura de controle onde o poder não pode ser identificado.

² CRITICAL ART ENSEMBLE (2001, p. 27), discorre sobre um “poder nômade” invisível e potencialmente “inexpugnável”, uma ciberelite: “Subjetivamente há um pensamento de opressão, e no entanto é difícil localizar, quanto mais identificar, um opressor. O mais provável é que este grupo não constitua sequer uma classe – ou seja, um agrupamento de pessoas com interesses políticos e econômicos em comum – mas sim uma consciência militar de elite que foi absorvida”.

³ Neste ponto, é fundamental citar a sempre pertinente idéia de FLUSSER (2002) em sua *Filosofia da Caixa Preta*, que denota a necessidade do artista desvelar as intenções contidas no *aparelho*. Há um programa previamente estabelecido dentro destas máquinas que povoam este momento de “imperialismo pós-industrial”.

⁴ CRITICAL ART ENSEMBLE (2001, p.35) sobre especialistas e ações contra uma situação hegemônica: “Já que não é provável que os trabalhadores das áreas científicas ou tecnológicas gerem uma teoria do distúrbio eletrônico, coube aos artistas-ativistas (assim como outros grupos interessados) a responsabilidade de ajudarem a estabelecer um discurso crítico sobre o que está realmente em jogo no desenvolvimento desta nova fronteira”. O distúrbio eletrônico é defendido pelo coletivo como uma estratégia de atuar contra uma ciberelite fundamentalmente nômade.

⁵ Segundo HARAWAY (1994, p.243-283), o conceito de *cyborg* está, inclusive, além deste comportamento maquínico: na verdade, o *cyborg* estaria a subverter os dualismos presentes na cultura ocidental como eu/outro, realidade/aparência, macho/fêmea, cultura/natureza, verdade/ilusão, Deus/homem. O *cyborg* representa a dissolução de limites, propiciados desde o fato de que “não fica claro quem faz ou é feito na relação homem-máquina” até a nossa simbiose com tecnologias de comunicação, simulação e biotecnologias. Sua origem está na dissolução de três fronteiras: a distinção homem-animal, a diferenciação entre organismo (ser humano) e máquina e a distinção entre o físico e o não-físico.

⁶ Nas palavras de JOHNSON (2003, p.14), que assim define emergência: “São sistemas bottom-up e não top-down. Pegam seus conhecimentos a partir de baixo. Em uma linguagem mais técnica, são complexos sistemas adaptativos que mostram comportamento emergente. Neles, os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que reside em uma escala acima deles: formigas criam colônias; cidadãos criam comunidades; um software simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros. O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto é o que chamamos de emergência”.

⁷ Cabem aqui as considerações de MACHADO (2004, p. 5), em torno da produção em artemídia: “A artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de, ao mesmo tempo em que se abre às formas de produzir do presente, contrapor-se também ao determinismo tecnológico, recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica”.

⁸ A Estética Relacional, trazida por BOURRIAUD (2006), é uma teoria baseada na análise de obras de arte em função das relações humanas que figuram, produzem ou suscitam. A Estética Relacional aponta para o diálogo que se funda no elemento social, o que implica em uma atenção especial ao contexto do objeto de arte em suas diferentes esferas.

⁹ Em sua versão lusófona, disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org> .

¹⁰ Neste sentido, há um outro trabalho que discorre sobre estas questões, chamado “A Liberdade dos Wikidiotas” disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=2269> . Acesso em 14 de abril de 2009.

Referências bibliográficas

- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. *Distúrbio eletrônico*. São Paulo: Conrad, 2001.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FRANCO, Edgar Silveira. *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*. Tese (doutorado em artes plásticas). Programa de Pós-graduação em Artes Plásticas - Escola de comunicações e artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- FRANCO, Edgar; NUNES, Fábio Oliveira. O elogio da insignificância: uma poética libertária no Ciberespaço. In: *ANAIS do 17º Encontro da ANPAP: Panorama da Pesquisa em Artes Visuais* [CD-ROM]. Florianópolis: UDESC, 2008.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOLMES, Brian. Future map or how the cyborgs learned to stop worrying and love surveillance. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <<http://brianholmes.wordpress.com/2007/09/09/future-map/>>. Acesso em 10 de abril de 2009.
- JOHNSON, Steven. *Emergência – A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MACHADO, Arlindo. Arte e mídia: aproximações e distinções. E-Compós - *Revista da Assoc. Nacional dos Prog. de Pós-Graduação em Comunicação*, n.1, dezembro de 2004. 15 p. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/15/16>>. Acesso em 30 de abril de 2009.
- MANN, Steven. "Reflectionism" and "diffusionism": new tactics for deconstructing the video surveillance superhighway. Toronto: University of Toronto, 1997. Disponível em <<http://hi.eecg.toronto.edu/leonardo/>>. Acesso em 09 de março de 2007.
- NUNES, Fábio Oliveira. *CTRL+ART+DEL: Contexto, arte e tecnologia*. Tese (doutorado em artes plásticas). Programa de Pós-graduação em Artes Plásticas - Escola de comunicações e artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- PRADO, Gilbertto. Redes e espaços artísticos de intervenção. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). *Arte em pesquisa: especificidades: anais do 13º encontro da ANPAP*. Vol.2. Brasília (DF): Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília/ANPAP, 2004. pp. 258-263.

Fábio Oliveira Nunes (Fabio FON) – É doutor em artes na Universidade de São Paulo (USP) e mestre em multimeios na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 1999, desenvolve projetos de web arte e poesia digital na rede Internet. Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). <http://www.fabiofon.com>.